

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ANA CAROLINA MEDEIROS BARREIROS

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PORNOGRAFIA

A infantilização da figura feminina em vídeos pornográficos como
ferramenta de opressão do sistema patriarcal

São Paulo
2019
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PORNOGRAFIA

A infantilização da figura feminina em vídeos pornográficos como
ferramenta de opressão do sistema patriarcal

Ana Carolina Medeiros Barreiros

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Amaral

**São Paulo
2019**

Agradecimentos

O curso de Mídia, Informação e Cultura foi a circunstância que me permitiu realizar o sonho de me mudar para a cidade de São Paulo, que há anos estava nos meus planos. Por isso, não posso deixar de agradecer aos que me apoiaram de forma absoluta nesse processo, meus pais.

Obrigada Márcia e José, pela inspiração de direcionar minhas energias para a pesquisa durante esse período e pelo constante apoio na realização dos meus sonhos, seja no âmbito profissional ou acadêmico ou pessoal.

Agradeço a professora Fabiana Amaral pela dedicação e carinho durante o período de orientação do trabalho, que foi o fator decisivo para que eu conseguisse desenvolvê-lo.

Um agradecimento especial às minhas colegas de curso, Odhara, Heloísa e Nina, pelos conselhos, apoio, amizade e companhia em todos os trabalhos ao longo de todo período da pós-graduação.

É impossível também não relembrar de todos os que fizeram parte da minha trajetória acadêmica na Universidade Federal do Pará, onde fiz minha graduação e me formei tanto como publicitária quanto como parte da sociedade. Foi na época em que estudei lá que nasceram os desejos por pesquisar e estudar cada vez mais.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PORNOGRAFIA

A infantilização da figura feminina em vídeos pornográficos como ferramenta de opressão do sistema patriarcal

RESUMO:

O presente trabalho investiga a infantilização da mulher nos vídeos pornográficos do site Pornhub, com um olhar sobre a prática dentro do contexto do sistema patriarcal. A hipótese é a de que a infantilização se mostra como ferramenta de opressão nesse sistema, cunhado por Kate Millet nos anos 70 em “Política Sexual”. Para isso, o trabalho analisa dados do Pornhub, maior plataforma de conteúdo pornográfico da internet, como títulos de vídeos, hábitos de consumo, tags e fotos de capa dos conteúdos, e associa-se esses dados a pesquisas sobre a influência dessa mídia na relação de homens e mulheres com o sexo. Partindo desses dados, o resultado é uma reflexão da pornografia como uma das causas e ao mesmo tempo consequências das relações de poder no sistema patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia, Infantilização, Sistema Patriarcal, Feminismo.

ABSTRACT:

This study investigates the phenomenon of female infantilization in pornography videos uploaded to Pornhub, looking at this practice in the context of patriarchal system. The hypothesis is that the infantilization is a type of tool of oppression in the system, who was first introduced by Kate Miller in “Sexual Politics”. To achieve such, the study analyzes de data available in PonHub, such as tags, video titles and video thumbnails and associates this data with researches about the importance of porn videos in men and women’s relation with sex. Based on this report, the result is a reflection of pornography as one of the causes and effects of power structures in patriarchy.

KEY-WORDS: Pornography, Infantilization, Patriarchy, Feminism.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a indústria pornográfica no século XXI e como ela apresenta imagens de mulheres infantilizadas como reforço do sistema patriarcal em vigor. Pretende-se fazer uma análise cultural, e para isso, com

base em Thompson(2011), uma análise cultural pode ser resumida no “estudo das formas simbólicas em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais e por meio dos quais as formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas”.

Em sentido mais amplo, o estudo dos fenômenos culturais pode ser pensado como o estudo do mundo sócio-histórico constituído como um campo de significados. Pode ser pensado como o estudo das maneiras como expressões significativas de vários tipos são produzidas, construídas e recebidas por indivíduos situados em um mundo sócio-histórico. (THOMPSON, 2011, p.165)

A indústria da pornografia audiovisual, ainda que tenha tido seu início quase que em paralelo a indústria do cinema no início do século XX, tomou proporções cada vez maiores, primeiramente com a chegada da tecnologia de vídeo-cassete e em seguida com o advento da internet. Esses acontecimentos permitiram que as narrativas pornográficas se popularizassem em vários países, com diferentes culturas, entre pessoas de diversas idades, mas com uma com algo em comum: São homens. 70% dos consumidores de pornografia é do sexo masculino.¹

Da mesma forma que na literatura antiga, em que as histórias eram criadas por escritores do sexo masculino, temos uma visão da mulher por olhos masculinos. A pornografia atual é feita por homens para homens e isso significa que a narrativa sexual feminina é moldada pelo olhar e interpretação masculinas do que é o prazer feminino, o que é o corpo ideal e o que é o comportamento aceitável.

E quais são essas narrativas? Como a mulher é apresentada na pornografia? Sobre o que tratam os vídeos mais populares atuais? E como essas produções reforçam o sistema patriarcal em que a mulher é oprimida pelo homem? São as perguntas que serviram de ponto de partida na criação do presente trabalho e servirão como base para reflexão a seguir. Porém, primeiramente é preciso compreender em que cenário esse tipo de produção se faz presente. Por isso, vamos analisar e refletir sobre o Sistema Patriarcal e como essas produções reforçam as ideias sustentadas por ele.

¹ Fonte: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review> Acesso jun/2018

Ela é rosa, ele é azul: Reflexão sobre o sistema patriarcal.

2016 foi o primeiro ano em que houve uma explosão nas buscas do termo "Chá de Revelação", segundo o Google Trends². Desde então, o termo só tem aumentado em buscas e chegando ao seu ápice em 2018. Ele faz referência a um novo tipo de celebração feita durante a gravidez, ganhando o lugar de destaque que antes pertencia ao tradicional Chá de Bebê. Tanto o Chá de Bebê quanto o Chá de Revelação possuem o mesmo objetivo: reunir amigos e familiares próximos da

² Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205-y&geo=BR&q=ch%C3%A1%20de%20revela%C3%A7%C3%A3o> Acesso nov/2018.

gestante para celebrar o nascimento próximo e oferecer presentes para ajudar no início da nova vida. Mas o Chá de Revelação tem um diferencial. Ele visa anunciar uma informação sobre o feto ainda não gerado. Se trata-se de um menino ou de uma menina. E isso é representado pela decoração da festa, dividida entre rosa (cor designada às meninas) e azul (a cor designada aos meninos).

O Chá de Revelação é uma prática recente. Mas a divisão de cores na decoração da festa não é só figurativa. Ela é a mais apropriada ilustração das diferenças entre os gêneros, que surgem antes mesmo de que uma vida esteja completamente formada. As cores presentes nos balões e enfeites de bolo estão lá para decorar a festa e remeter a um mundo de associações que já podem ser feitas antes da primeira respiração. Rosa é delicadeza, carinho, cuidado, maternidade, sensibilidade. Rosa é subordinação. Azul é força, agilidade, competitividade, intelecto. Azul é dominação. O Chá de Revelação é a metáfora mais adequada para falar sobre o Sistema Patriarcal.

Em 1970, Kate Millet escreveu *Política Sexual*, uma das mais importantes obras do movimento feminista. Para a autora, na nossa sociedade, existe uma espécie de prioridade masculina que vem desde o nascimento. E essa prioridade é provavelmente a ideologia mais penetrante da nossa cultura. Mas isso não é um fato isolado. Ainda segundo a autora, não existe sequer uma civilização ao longo da história que não reproduziu de alguma forma o que ela chama de Sistema Patriarcal. E a prova desse fato pode ser percebida pela hegemonia masculina no controle de absolutamente todas as esferas de poder social: o exército, a indústria, a tecnologia, as universidades, a ciência, os cargos políticos e as finanças. Essas esferas da sociedade, juntamente com a religião, “a ética e os valores, a filosofia e a arte da nossa cultura – a sua própria civilização –, como observou uma vez T.S Eliot, é de manufatura masculina.” (p.3)

O sistema patriarcal estabelecido é capaz de exercer poder sobre o sexo feminino em várias esferas. Nas sociedades mais antigas as mulheres não podiam exercer funções de destaque, entrar em universidades ou mesmo fazer parte do mercado de trabalho pois sua virtude era apenas a feminilidade e seu dever era cuidar de seus maridos e filhos. A mulher tinha o que Millett (1970) classifica como status de propriedade de um homem - primeiramente seu pai e, em seguida, seu marido. E, nesse sistema de posse está incluso também o poder sobre a sexualidade feminina.

Ao ser renegada como um objeto ou mesmo uma propriedade, as mulheres tiveram sua história quase que apagada ao longo dos tempos. Não temos, ou temos apenas exceções de mulheres cientistas, atletas, autoras, governantes, filósofas, médicas, líderes religiosas ou qualquer outra função de prestígio. É quase como se não pudessem ter a identidade como ser humano.

Betty Friedan, sete anos antes de Millet, escreveu *A Mística Feminina* e argumentou que as feministas foram pioneiras na própria vanguarda da evolução feminina. "Precisaram provar que a mulher era humana. [...] Precisavam provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de começarem a combater pelo direito de igualdade com o homem." (FRIEDAN, 1963, p.72). E essa necessidade de provar a capacidade é uma consequência da já mencionada prioridade de nascimento, que segundo a autora, não possui nenhum tipo de justificativa biológica lógica, mas é extremamente conservada pela cultura.

As esperanças que a cultura acalenta acerca da sua identidade de gênero encorajam o jovem macho a desenvolver os impulsos agressivos, e a fêmea a contrariar os seus ou a recalá-los. O resultado é que o macho tende a ter uma agressividade reforçada no seu comportamento, muitas vezes com significativas possibilidades anti-sociais. A este respeito, a cultura permite a crença de que a posse dos sinais externos do macho, os testículos, o pênis e o escroto, caracteriza em si mesma o impulso agressivo, o mesmo processo de reforço é evidente ao criar a capital virtude "feminina" da passividade. (MILLET, 1970, p.223)

Partindo do princípio de que o sistema patriarcal é um sistema de exercício de poder masculino, podemos refletir sobre as ferramentas que ajudam a sustentar esse poder ao longo do tempo. A obra de Friedan(1963) defende que no pós-guerra, uma dessas ferramentas foi a chamada *Mística Feminina*, a prática de associar a mulher uma suposta vocação ao cuidado dos filhos e da casa. Na obra, entendemos que durante a guerra, com a necessidade de ocupar postos de trabalho, as mulheres eram motivadas a trabalhar fora de casa pela sociedade e pela mídia. Mas, com o fim da guerra e a necessidade de ocupar a mão de obra masculina que voltava das batalhas, passou-se a considerar que a mulher não deveria mais trabalhar fora de casa. As revistas, grande força midiática do período, passaram a publicar ideias de que era errado que uma mulher tivesse ambição profissional e a conduzir o comportamento

para funções dentro do lar. Era uma decisão estratégica econômica, uma junção de força capitalista e patriarcal.

Ao longo dos anos, a Mística Feminina enfraqueceu. Era preciso aumentar a mão de obra em todos os segmentos do mercado de trabalho, as feministas lutaram pelo direito ao voto e a sociedade passou a aceitar que as mulheres tivessem formação acadêmica e funções profissionais. Porém, outra ferramenta de exercício de poder veio a tona com o chamado Mito da Beleza, cunhado por Wolf(1990). Para a autora, com a atenuação da Mística Feminina, o poder da soberania masculina passou a ser de forma estética. Segundo a autora, “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas.” (p.25).

Para a autora, a ideologia da beleza é agora uma das grandes forças opositoras para o fim do sistema patriarcal. E temos a personificação dessa ideologia por meio das indústrias das dietas e do emagrecimento, das cirurgias plásticas, e dos cosméticos e tratamentos estéticos, todas responsáveis por lucros gigantescos, inclusive no Brasil.³ Essas indústrias também têm suas mensagens transmitidas pela mídia, como na Mística Feminina e sua relação com as revistas, temos a partir dos anos 90/2000 a transmissão dessas mensagens principalmente pela televisão e internet. Para Wolf (1990), “Ela [A Ideologia da Beleza] se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar.”(p.27).

Podemos encontrar alguns paralelos entre esses dois momentos distintos de opressão do sistema patriarcal. De maneiras diferentes e considerando as décadas que o separam, podemos ver que mesmo com avanços importantes que foram trazidos, nos dois exemplos ainda existe um exercício de poder sobre a liberdade da mulher, seus hábitos e seu corpo. Seja na forma da maternidade compulsória ou das intervenções plásticas, dietas e tratamentos estéticos.

Levando em consideração esses exemplos, é possível encontrar uma outra ferramenta de opressão, representada pela infantilização da mulher. Tanto ao associar a mulher a persona doce, materna, renegada apenas aos cuidados da casa quanto a um provável culto a juventude presente nos procedimentos estéticos e

³ Fonte: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/> e <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,culto-a-beleza-traz-lucros-para-o-brasil,40683> Acesso nov/2018.

tratamentos “anti idade”, tratamentos de “rejuvenescimento” da pele etc. A infantilização funciona como uma camada quase que invisível de exercício de poder.

Friedan(1963) já falava sobre o assunto em a mística feminina, e acreditava que o comportamento infantilizado que era imposto a mulher era estratégico:

Essencialmente conclui-se que, enquanto a mulher permanecer "infantil", menos capaz de tomar decisões, mais dependente dos pais para a iniciação e orientação no comportamento e atitudes, mais presa a eles, a ponto de achar difícil separar-se, ou enfrentar sua desaprovação, mostrar indícios de pouca emancipação emocional terá maiores dificuldades que o homem em habituar-se à norma cultural de lealdade primária à família que ela mais tarde estabelecer. É possível, naturalmente, que o único efeito da superproteção seja a criação de uma dependência generalizada, que se transferirá para o marido e lhe permitirá aceitar mais prontamente o papel de esposa numa família que apresenta ainda várias características patriarcais. (FRIEDAN, 1963, p.117)

É claro que a sociedade passou por diversas transformações que modificaram a maneira como o sistema patriarcal funciona, mas ele ainda está ativo no século XXI, seja com novas normas ou com herança de hábitos antigos. Embora já ocupem a maior parte das vagas nas universidades⁴, alcancem posições de liderança, tenham o direito ao voto e ao divórcio, as mulheres não só não tem salários equiparados⁵, ainda são quase que totalmente responsável por todas as tarefas domésticas⁶ e correspondem a 86% dos pacientes de cirurgia plástica.⁷

Com os avanços feitos ao longo das últimas décadas, pode-se ter a falsa impressão de que uma igualdade entre os gêneros foi estabelecida, mas ainda temos resquícios de uma socialização opressora em vários costumes. O pertencimento ao pai e posteriormente o marido ainda é representado em alguns atos comuns como a necessidade que o par romântico peça sua mulher em casamento ao seu pai, ou que ele o leve ao altar direto para o seu marido na cerimônia do casamento, vestindo, sem dúvidas, o vestido branco que simboliza sua virgindade e pureza. É como se a divisão entre o rosa e o azul do Chá de Revelação existisse por todos os lados em nossa sociedade.

⁴ Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf Acesso jun/2018

⁵ Fonte: <https://www.catho.com.br/institucional/2008/03/as-mulheres-no-mercado-de-trabalho/> Acesso jun/2018

⁶ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem> Acesso nov/2018.

⁷ Fonte: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf> Acesso nov/2018.

Nesse cenário, a mídia segue exercendo sua função ideológica para a perpetuação do status quo. O corpo feminino é um produto midiático. O cinema, a televisão e a publicidade exploram corpos para a venda de seus produtos e propagação de suas ideias de consumo. 58% das mulheres consideram que são tratadas como objetos nos anúncios de tv⁸. No Brasil, até 2015 era comum que as propagandas de cerveja utilizassem mulheres seminuas para vender seus produtos. Foram décadas de mensagens de exploração até uma recente mudança de comportamento vista nos últimos anos.⁹

No cinema a situação é infelizmente similar: Mulheres representam apenas 30% dos papéis principais nos filmes de Hollywood¹⁰, Na pesquisa “The Annenberg Inclusion Initiative”, de 2018, é mostrado que entre os maiores filmes de bilheteria de 2014, apenas 1,9 foram dirigidos por mulheres. Segundo a mesma pesquisa, nenhuma mulher acima dos 45 anos protagonizou os 100 maiores filmes de 2014 e apenas 3 mulheres protagonizaram ou co-protagonizaram algum deles.

Mulheres não são maioria nos papéis no cinema, e quando são, sua presença ainda é sujeita a reflexão se pode ou não ser considerada positiva. Segundo a pesquisa¹¹ “Film study: Men talk and women show skin”, mulheres em filmes têm 3 vezes mais chance de aparecerem parcialmente nuas ou com roupas provocantes do que os personagens masculinos. Para ilustrar essa situação, desde abril de 2016 uma página no website Tumblr¹² chamada “The Headless Women in Hollywood” (As mulheres sem cabeça de Hollywood”, tradução livre) publica foto de posters de divulgação comercial de filmes novos e antigos em que a personagem feminina não possui cabeça. Isto é, o cartaz mostra apenas suas curvas, seios, coxas e nádegas. No Brasil, a situação é similar. Segundo a pesquisa ‘Investigação sobre o impacto da representação de gênero no cinema e na televisão brasileira”, divulgada pelo Instituto Geena Davis em 2016¹³, cerca de 73% acreditam que as mulheres são mostradas de

⁸ Fonte: https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf Acesso jun/2018

⁹ Fonte: <http://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2017/02/02/o-antes-e-depois-das-campanhas-de-cerveja.html> Acesso nov/2018

¹⁰ Fonte: <http://prosalivre.com/novo-relatorio-comprova-o-que-ja-sabiamos-falta-diversidade-em-hollywood/> Acesso: jun/2018

¹¹ Fonte: <https://usatoday30.usatoday.com/life/movies/2011-04-21-movies-men-women-roles-speaking-sexy.htm> Acesso jun/2018

¹² Fonte: <http://headlesswomenofhollywood.com/> Acesso jun/2018

¹³ Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/pesquisa-51-acham-que-tv-incentiva-desrespeito-e-assedio-mulheres> Acesso nov/2018

maneira exageradamente sexualizadas no cinema e na TV brasileiras, com papéis que não reforçam a inteligência feminina e se dedicam a mostrar apenas seu corpo. Para os entrevistados, os personagens femininos ainda se dedicam aos papéis tradicionais de dona de casa e doméstica. Enquanto os homens são representados como poderosos e hiper masculinizados.

Exemplos como os anteriores, retirados do entretenimento popular como televisão, cinema e propaganda, por si próprios já podem causar revolta pelo excesso de apelo sexual de personas femininas. Mas eles não chegam perto do nível de exploração que as produções da indústria pornográfica podem chegar.

Entretenimento patriarcal: um olhar sobre pornografia

Imagine uma indústria de entretenimento lucrativa, cujo acesso de seu conteúdo na era da internet pode superar o de gigantes como Netflix, Amazon e Twitter combinados.¹⁴ Não, não se trata de indústrias gigantes e consolidadas como a dos esportes, da música ou do cinema de Hollywood. É a indústria pornográfica, que segundo Kasia Wosick, professora de sociologia da New Mexico State University, é uma indústria avaliada em 97 bilhões de dólares¹⁵.

Dentre os sites mais acessados do mundo, pelo menos 3 se dedicam a conteúdos pornográficos¹⁶ e, o maior de todos eles a nível global, o PornHub, divulga todos os anos seus dados de acesso. Posteriormente, iremos analisar alguns pontos do relatório e do próprio site, mas por hora, podemos frisar alguns dados inusitados sobre o negócio lucrativo da pornografia.

Em 2017, PornHub recebeu 25.8 bilhões de visitas¹⁷. Isso representa 81 milhões de pessoas por dia apenas neste site (o número deve ser muito maior ao somar os acessos nos demais sites do segmento). Em média, uma visita dura até 12 minutos, mais do que visitas em redes sociais populares, como Instagram ou Facebook. Mais de 4 milhões de vídeos foram enviados a plataforma, o que simboliza mais de 68 anos ininterruptos de vídeos.

¹⁴ Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/entry/internet-porn-stats_n_3187682 Acesso Dez/2018

¹⁵ Fonte: <https://www.nbcnews.com/business/business-news/things-are-looking-americas-porn-industry-n289431> Acesso dez/2018

¹⁶ Fonte: <https://www.alexa.com/topsites> Acesso jun/2018

¹⁷ Fonte: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review> Acesso jun/2018

Para o site, 2017 foi o "ano das mulheres" como consumidoras de pornografia. É o que aparentemente podemos inferir com o dado de que o termo "Porn for Women" (pornô para mulheres, em inglês) foi um dos principais temas do ano. Porém, a indústria ainda possui um público-alvo bem definido. Mesmo com essa suposta mudança, o relatório ainda deixa claro que mais de 70% dos acessos do Pornhub são feitos por homens. Ou seja, ainda é entretenimento voltado para os de cor azul.

A pornografia é um dos produtos de maior sucesso da sociedade de consumo capitalista, a sociedade do "hiperespetáculo" como denomina Lipovetsky(2015). E se, para Lipovetsky "O divertimento se tornou a retórica do consumismo."(p.191), o consumo da sexualidade feminina como produto da indústria pornográfica (feito para homens) é um dos mais rentáveis capitais no mundo do entretenimento.

De fato, existem produções pornográficas que exibem e exploram corpos masculinos, muitas vezes voltado ao público LGBT. Porém, os números gigantescos referente ao consumo sempre são associados às produções com mulheres em destaque. Se elas não tinham representatividade em papéis principais do sistema tradicional, é ironicamente na pornografia o lugar em que personagens femininas mais estão presentes em cena e um dos poucos setores em que as mulheres realmente faturam mais do que homens quando falamos sobre pagamento.

Segundo Andrea Dworkin (1981), "a palavra *pornografia*, do grego antigo *porne* e *graphos*, que significa "escrever sobre prostitutas" (p.201). Ela conta que *Porne* significa prostituta e se refere, na língua, a classe mais baixa de prostitutas da Grécia antiga, a puta do bordel, disponível para todos os cidadão dos sexo masculino. A autora explica que o *porne* era mais barato pois o ato se dava com mulheres menos consideradas, menos protegidas, como escravas. *Graphos* significa "escrita, gravura ou desenho", ou seja, a palavra pornografia em seu sentido original significa "escrever sobre prostitutas".

Para a autora, é importante frisar o significado pois o termo não simboliza algo como "escrever sobre o ato sexual", ou "escrever sobre corpos nus". Ele é focado nas mulheres que eram chamadas de prostitutas e consideradas da classe mais baixa na sociedade grega antiga. Ela completa "A pornografia contemporânea estritamente e literalmente está de acordo com significado da raiz da palavra: a representação gráfica de prostitutas vis, ou, na nossa língua, vagabundas, vacas (como em: gado sexuais, bens sexuais), vadias. A palavra não mudou o seu sentido e o gênero não está errado" (p.201).

Para ela, a principal mudança seria no *graphos*, já que agora não se trata mais apenas da escrita, mas da representação gráfica e principalmente audiovisual. Dando continuidade ao raciocínio, a autora aponta que a condição de prostituta existe para servir sexualmente homens e por isso, representa a dominação sexual masculina. É claro que existem outros cenários em que mulheres podem contratar o serviço de homens ou homens contratarem o trabalho de outros homens. Mas foi nesse tipo de relação do homem a ser servido e da mulher a servir que a função surgiu e ainda hoje é o caso mais comum.

A relação entre pornografia e prostituição proposta pela autora parece incomum, mas é corroborada por números. Como citado anteriormente, 70% dos acessos nos sites de pornografia são masculinos. De fato, salvo exceções, é entretenimento criado para homens. E desde o início da história da indústria pornográfica esse padrão se mantém.

Considerando apenas o histórico de produções pornográficas em vídeo, elas aparecerem de forma mais significativa pela primeira vez em países escandinavos nos anos 60¹⁸. Rapidamente chegaram aos cinemas americanos de forma legalizada. A partir de então, a sociedade americana passou a demonstrar maior interesse em conteúdo voltado ao sexo.

Hugh Hefner já havia lançado e tornado célebre a revista Playboy e seus ensaios sensuais com recém chegadas a maioria e parecia haver uma certa liberdade para tratar se tópicos antes vistos como tabu. Dworkin(1981) falou sobre ele, "Hugh Hefner é visto como um pioneiro da liberdade sexual que mostrou, nas palavras do colunista Max Lerner, "como a legislação da sexualidade poderia ser combatida, como o absurdo da ética do antiplay e anti-prazer poderia ser transformado em um hedonismo elegante e um estilo de vida que inclui o jogo e as brincadeiras junto ao trabalho." (p.209) De repente, sexo virou mais diversão e menos depravação.

Em 1972 foi lançado então uma das produções mais clássicas do gênero, The Deep Throat ("Garganta Profunda", em português). O filme se tornou bastante popular nos cinemas americanos e ajudou a elevar as produções de filmes do gênero a algo mais profissional, ao estilo da indústria hollywoodiana. A atriz principal da obra, Linda Lovelace, após participar desse e de outros filmes de uma chamada "Golden Era" da pornografia, deu entrevistas e escreveu uma biografia em que conta sobre os abusos

¹⁸ Fonte: <http://www.pravdareport.com/history/18-08-2016/94805-pornography-0/> Acesso Dez/2018

que sofria do ex-marido na época (que a levou para a indústria) e sobre a parte ruim dos bastidores dessas produções. Desde os anos 80 ela é uma ativista anti-pornografia.

Alguns anos mais tarde, em 1976, o vídeo cassete foi lançado e significou "O evento mais significativo na indústria de filmes adultos da história e junto com o filme Garganta Profunda, o ímpeto para a revolução em pornografia hard-core."

(Coopersmith, p.28 apud Heidenry, 1997). De certa forma, o VHS reduziu o custo de distribuição e tornou a produção mais barata, o que ajudou a expandir a audiência de filmes pornográficos. Se antes, assistir a um filme pornográfico era uma experiência em grupo, agora passa a ser algo mais individual.

Essa transformação, segundo Coopersmith (1997) mudou o mercado de duas maneiras. Primeiro, como qualquer mercado capitalista em maturação, as figuras da indústria passaram a desenvolver novos nichos para tentar diferenciar seus produtos. Segundo, houve um aumento de produções caseiras. A diferenciação, nesse caso, veio em forma de filmes dedicados a atos menos tradicionais sexualmente, e muitas vezes até violentos. É ao que Lipovetsky(2015) se refere:

A prática "ritualizada" ou coletiva de cinema ou de televisão cedeu lugar a um consumo individualista, desunificado, self-service. A era do hiperespetáculo não é apenas aquela do espetáculo onipresente, mas também a do espetáculo sob demanda, em que o consumidor se torna um programador autônomo e personalizado. Porque assistimos aos filmes e à TV à la carte, como quisermos, onde quisermos, o hiperespetáculo produz cada vez menos o "estar junto": ele significa o eclipse da dimensão cerimonial ou "litúrgica" que o espetáculo dos tempos heroicos da sociedade de consumo ainda comportava (p.187)

Já a chegada da internet, no fim dos anos 90, potencializou essa tendência. Se na época do vídeo já existia uma tendência de mercado de abordar tópicos mais controversos em nome de vendas, com a internet o que passou a ser desejado são cliques, visualizações e se uma geração inteira já se acostumava com filmes levemente mais violentos e ousados, com a chegada da internet, o conteúdo continuou passa a ser ainda mais perturbador.

"Vivemos num mundo de civilização consumista, no qual se espera que a satisfação (de preferência imediata) de todos os desejos humanos determine a estrutura da vida." (Hobsbawm, 2013, p.33) A distribuição (muitas vezes gratuita) pela internet, aumentou ainda mais a oferta pelo novo - a nova tendência, a nova garota do momento. Diante de todo esse universo de condições, nasce uma infinidade de

novos vídeos, novas categorias e novas formas de consumir o corpo feminino de formas mais violentas e humilhantes. Como Baudrillard coloca em *Simulacros e Simulações* (1991), "O fascínio da pornografia é mais metafísico do que real".

No documentário "Hot Girls Wanted"(2015), garotas que acabaram de completar a maioridade tentam uma chance no mercado pornográfico na era da internet. A maioria começa fazendo as "cenas" (vídeo curto) com temas mais "leves" segundo os padrões de pornografia da era digital, como masturbação e sexo com outras mulheres. Entretanto, em seguida, pelo ciclo curto da indústria, que demanda sempre novidades, elas acabam tendo que fazer parte de cenas de sexo com um ou mais homens que incluem sadomasoquismo, violência e outras práticas que antes eram reconhecidas como de nichos, como o "Facial Abuse".

Nesse tipo de vídeo, uma mulher realiza sexo oral em um homem, porém, ele possui o controle e movimenta sua cabeça de forma violenta, muitas vezes induzindo-a ao vômito. O ato vem também acompanhando de abuso verbal, com xingamentos e humilhações. Pelo seu caráter perturbador, pode soar como uma produção de espectadores restritos. Mas o documentário especula que sites dedicados pornografia com abusos alcancem mais de 60 milhões de visitas mensais e que mais de 40% do conteúdo pornográfico na internet atual possua violência contra a mulher.

Uma característica desse documentário é a entrada no mercado de mulheres extremamente jovens. A maioria delas acaba de fazer 18 anos, mas uma fala curiosa dita pelo personagem do "agente" das garotas é que uma delas "acabou de fazer 18, mas tem cara de 12, o que é uma vantagem para ela nesse meio". Não basta apenas ser jovem. É preciso parecer adolescente e às vezes até criança. A ferramenta de opressão do patriarcado citada anteriormente, a infantilização, tem um grande espaço na pornografia.

Em 2013, o jornalista de dados Jon Millward fez um estudo analisando a carreira de 10.000 atrizes pornô¹⁹, e segundo sua pesquisa, o papel mais comum para mulheres em filmes é o de adolescente. Mas esse não é o único indício de infantilização na pornografia atual. O mesmo estudo de dados mostra que dentre os principais papéis femininos em filmes pornô, estão inclusos os de "Cheerleader", as líderes de torcida (em referência a estudantes do ensino médio - menores de idade), "Schoolgirl", que em inglês significa estudante de escola primária ou secundária (mais

¹⁹ Fonte: <http://jonmillward.com/blog/studies/deep-inside-a-study-of-10000-porn-stars/> Acesso nov/2018.

uma vez, menor de idade), “Babysitter”, a figura da babá americana que é na maioria das vezes uma adolescente que faz pequenos serviços cuidando de crianças (durante a adolescência principalmente) e referências a relações incestuosas e provavelmente com menores de idade nos papéis de “filha” ou “irmã”.

Todos esses papéis, segundo o estudo, são interpretados na maioria das vezes por mulheres na casa dos 20 anos, afinal, pornografia é legalizada apenas a partir dos 18 anos na maior parte dos países, mas como visto anteriormente, ter o visual de uma adolescente ou criança é um atributo desejado. Embora o ato sexual com uma menor de idade não esteja de fato sendo realizado, a fantasia está sendo explorada e transmitida para um público enorme ao redor do mundo. E as consequências disso podem ser perigosas o suficiente para toda uma geração de homens e principalmente de mulheres.

Porém, parecer jovem não é a única exigência dessa indústria. Desde os anos 80, Linda Lovelace se manifesta contra a pornografia, e ela não foi a única. Embora ao longo da história do segmento muitas tenham obtido sucesso financeiro e comercial com filmes, licenciamento de produtos e endossando eventos, festas e publicações relacionadas a indústria, como Jenna Jamerson, atriz-pornô famosa da década de 90, a maioria não possui uma experiência positiva com o trabalho.

Centenas de mulheres ao longo das últimas décadas denunciavam os riscos a saúde que sofreram dentro da indústria por não haver o interesse estratégico pelo uso de preservativos em filmes e os atores serem praticamente obrigados a não se protegerem sexualmente.²⁰

A violência que cerca cada vez o teor dos filmes já foi citada anteriormente na forma de vídeos de “Facial Abuse” têm sido alvo de denúncias de ex-atrizes ao longo dos últimos anos. Além das acusações de abuso de profissionais da área com as atrizes, o sentido de consentimento pode ser bastante confuso em produções do gênero. Embora existam contratos e especificações sobre os atos a serem realizados nas cenas, muitas vezes atrizes são surpreendidas e coagidas a realizarem atos que não desejam em frente das câmeras.²¹ O que não é nada diferente do conceito de violência e abuso sexual.

²⁰ Fonte: <https://www.lifesitenews.com/blogs/former-porn-star-porn-was-the-worst-darkest-thing-ive-ever-been-involved-in> Acesso nov/2018

²¹ Fonte: <http://vt.co/entertainment/sexual-abuse-porn-industry-rife-no-one-wants-talk/> Acesso: nov/2018.

Muitos podem considerar que o fato de mulheres se submeterem a isso por aparente escolha própria é justificado pelo fato de que elas são bem pagas e podem lucrar bastante com isso. Mas não é o que depoimentos reais vem provando. Embora façam a parte mais difícil do trabalho, o pagamento para uma cena gira em torno de 500 a 1,500 dólares²² e a maioria das atrizes conta que as despesas com aparência e saúde podem levar grande parte do dinheiro.²³ No fim das contas, quem lucra com a exploração dos corpos das mulheres são os grandes sites. Pornhub, RedTube, XVideos e outros campeões de acessos. O fato curioso é que todos esses portais de vídeos pertencem a uma única empresa, MindGeek, o verdadeiro monopólio de pornografia, segundo o documentário Pornocracy(2017).²⁴ E é graças a todas essas questões e polêmicas que a pornografia gerou um enorme debate entre o grupo que mais critica o sistema patriarcal, as feministas.

Sex Wars: Prazer pra quem?

As décadas de 70 e 80 se mostraram um período de grande importância para a indústria da pornografia. Porém, em paralelo, essas décadas também foram palco de crescimento e consolidação da luta do movimento feminista. E esse tipo de produção foi um grande foco de debate dentro do movimento. Tão grande que gerou um momento de conflito referenciado até os dias atuais como Sex Wars (guerras do sexo) e que continua a dividir feministas mais de 3 décadas depois.

Ariel Levy (2005) conta que durante os anos 70, inúmeros acontecimentos importantes fortaleceram o movimento feminista. Foi quando, nos Estados Unidos, o aborto se torna legalizado e as pílulas anticoncepcionais passam a ser comercializadas. O movimento das mulheres ganha força e passa também a lutar pela liberdade sexual feminina, contra o conservadorismo e noções tradicionais de sexualidade. Porém, na época, com a explosão da pornografia e da cultura da

²² Fonte: <https://www.cnbc.com/2016/01/20/porns-dirtiest-secret-what-everyone-gets-paid.html> Acesso nov/2018

²³ Fonte: <https://verilymag.com/2015/08/porn-industry-playboy-mansion-sex-trafficking-belle-knox-rashida-jones-holly-madison> Acesso nov/2018

²⁴ Fonte: <https://slate.com/technology/2014/10/mindgeek-porn-monopoly-its-dominance-is-a-cautionary-tale-for-other-industries.html> Acesso nov/2018

sexualidade influenciada por ícones como as revistas playboy, de Hugh Hefner passaram a confundir o que a liberdade sexual feminina poderia significar.

Hefner afirmava que sua revista lutava contra a antissexualidade e antierotismo e simbolizada a liberdade e uma visão saudável do ato sexual. Ele inclusive se afirmou como "feminista antes mesmo de existir o feminismo"(p.43). A playboy sempre foi conhecida por suas fotos eróticas com apelo mais sofisticado que posteriores concorrente, que mostram o nu de mulheres jovens, normalmente brancas, magras, de seios fartos.²⁵ Os negócios de Hefner também foram expandindo ao longo do tempo com a criação de boates e casas noturnas em que suas "Playmates", modelos loiras e magras usavam uma fantasia de coelho e eram garçonetes que serviam aos homens. Mulheres habitavam a cena noturna playboy como funcionárias, não como convidadas.

Levy(2005) argumenta que "a revolução sexual de Hefner só se aplicava a homens. Mulheres que tinham a mesma condição financeira e experiência sexual de Hefner naquele período eram provavelmente vistas como mentalmente doentes"(p.45) O criador da playboy inclusive chegou a participar de debates televisionados sobre a pornografia contra feministas célebres da época como Susan Brownmiller, que ao fim dos anos 70 formava uma aliança com outras feministas chamada "Mulheres contra pornografia", cujo slogan clamava "Pornografia é a teoria, estupro é a prática."

Esse tipo de argumento passou a ser usado entre o grupo de mulheres contra a indústria, que sempre refletiam sobre as consequências daquelas cenas serem mostradas em massa, sobre a qualidade de vida e segurança das mulheres que trabalhavam na indústria e principalmente sobre que tipo de conteúdo estava sendo considerado sexualmente atrativo. Porém, do outro lado estavam as mulheres que acreditavam que a ser contra a pornografia seria uma forma de puritanismo e autoritarismo, além de uma ameaça à liberdade de expressão. Esse grupo passou a ser conhecido como feministas pró-sexo, o que é um termo curioso pois o sexo nunca foi a questão de debate, e sim a pornografia.

Dessa forma, a impressão que o debate dentro do movimento causava era de que havia uma camada de mulheres feministas que era contra o ato sexual ou a própria liberdade sexual das mulheres. Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon

²⁵ Fonte: <https://www.businessinsider.com/playboy-bunnies-history-2017-9#bunnies-working-at-playboy-clubs-had-to-abide-by-some-strict-rules-they-could-be-immediately-fired-for-dating-other-employees-or-quests-2> Acesso nov/2018

encabeçavam o movimento anti-pornografia e foram criticadas e classificadas como conservadoras.

A ideia de que ser contra a pornografia significa ser contra a expressão da sexualidade feminina é comum, porém equivocada. Wolf(1992) diz que a pornografia afirma que a beleza das mulheres é a nossa sexualidade, quando a verdade é exatamente o oposto. Ela ainda acrescenta, no que tange aos filmes que dedicados a atos violentos "O sadomasoquismo afirma que as mulheres gostam de ser forçadas e violentadas e que o estupro e a violência sexual são modernos, elegantes e bonitos." (p.179). A autora diferencia sexualidade de pornografia:

Os defensores da pornografia baseiam seu posicionamento na ideia da liberdade de expressão, fazendo passar as imagens pornográficas como uma linguagem. De acordo com a sua própria argumentação, algo surpreendente surge a respeito da representação dos corpos femininos. A representação desses corpos é extremamente censurada. Como vemos muitas versões da Donzela de Ferro nua, pedem-nos que acreditemos que a nossa cultura estimula a exibição da sexualidade feminina. Na verdade, ela exhibe praticamente nenhuma. Ela censura as representações dos corpos femininos de forma tal que apenas as versões oficiais são visíveis. Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendam ao desejo feminino, vemos simulações com manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas e em posições desconfortáveis sob holofotes, quadros profissionais que revelam pouco sobre a sexualidade feminina. (WOLF, 1992, p.179)

E a autora não é a única a compartilhar desse pensamento. Brownmiller (1975), acredita que "a violência sexual é exaltada pelos homens em nível de ideologia apenas quando as vítimas são mulheres e o responsável por ela é homem. A pornografia hard-core é uma das mais extremas manifestações desse princípio destrutivo". (p.293) Brownmiller também acrescenta que, esclarecendo que esse tipo de narrativa está presente na sociedade antes do advento da pornografia audiovisual, por meio da literatura: "a relação dono-escrava é a fantasia mais popular da perversão na literatura pornográfica" (p.170) Ela segue dizendo que "a imagem de uma escrava com poucas vestes, sempre bonita e dócil se ajoelhando graciosa e obediente ao seu dono é uma imagem comumente aceita como cena de excitação nessas obras". (p.170)

PornHub, infantilização feminina e o sistema patriarcal na prática

A partir das questões estudadas ao longo do primeiro e segundo capítulo do trabalho, pretendo analisar, em seguida, como o Sistema Patriarcal como forma de

exercício de poder se faz presente por meio da infantilização da mulher nas produções pornográficas. Para isso, iremos analisar dados do principal portal mundial de vídeos pornográficos, o Pornhub. O objetivo é determinar quais são as tendências de conteúdos mais populares e os tipos de narrativa apresentadas e como elas se relacionam com o que foi estudado anteriormente.

Para isso, vamos analisar tags, títulos de vídeos, quantidade de resultados encontrados para determinados temas, além de usar os próprios relatórios anuais disponibilizado pelo site. Em seguida, irei analisar pesquisas e estudos que possam legitimem como essas narrativas pornográficas influenciam as práticas sexuais da vida real e como a infantilização na pornografia faz parte da estrutura de opressão do sistema patriarcal.

No relatório disponibilizado pelo Pornhub referente ao ano de 2017²⁶, existem algumas informações interessantes de serem analisadas. Em primeiro lugar, o site apresenta quais foram os termos mais buscados naquele ano. No topo da lista pela primeira vez nos desde o relatório de 2013 o termo "teen" não aparece em primeiro lugar e trocou de lugar com "lesbian". Porém, vem ainda na lista dos dez termos mais buscados. Além disso, é preciso considerar outros termos que também remetem a relação sexual com mulheres mais jovens, como "Cheerleader" e "Babysitter" que estão presente na lista entre as 20 primeiras posições nos últimos 5 anos.

A categoria é tão popular que possui variações em cada país e por isso pode ter uma presença até maior na plataforma. No Brasil, é conhecida como "novinhas", em Portugal "miúdas" e assim por diante. No relatório de 2017 não existe nenhum país que não colocou o termo no topo das buscas. Desde 2015²⁷, no Brasil, também existem outros termos populares associados, como "novinha escola", que naquele ano ganhou 257% mais visitas do que anteriores.

Porém, para que possamos ter a real dimensão dos conteúdos promovidos pelo site e mais acessados dentro da plataforma, é necessário uma investigação e análise do que é mostrado. Para isso, foi considerada a lista de vídeos mais assistidos de todos os tempos no site e os vídeos mais populares dentro da categoria "novinha" na versão brasileira do Pornhub. Consideramos como objeto de análise os títulos dos vídeos, descrevendo de forma atrativa o conteúdo para gerar mais acessos e foto da

²⁶ Fonte: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>
<https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review> Acesso jun/2018.

²⁷ Fonte: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2015-year-in-review> Acesso jun/2018

thumbnail(miniatura) do vídeo, que muitas vezes mostra a maneira como a narrativa será desenvolvida ou as personas que os atores irão encarnar no vídeo.

A infantilização na pornografia pela estética

A primeira conclusão ao examinar os conteúdos é que a pesquisa de dados de Jon Millward²⁸ corresponde bastante à realidade da indústria. Segundo o jornalista, a maioria das atrizes interpretam papéis de adolescentes em filmes pornográficos e na lista de filmes mais vistos de todos os tempos da plataforma temos alguns exemplos de como essas narrativas são construídas em torno da figura infantilizada feminina.

Entre os filmes mais vistos, um dos primeiros tem o título "*BFF - brincando com meia irmãs e amigos*" [sic]. O vídeo possui 71 milhões de visualizações, mais do que muitos conteúdos super populares e não pornográficos da internet, como videoclipes de música pop no Youtube. O que se repete em outros itens da lista. E não é só isso que é comum entre os vídeos. Como neste exemplo, são utilizadas gírias e linguagem que remetem a adolescentes. "BFF" é o nome de uma série de vídeos da plataforma. Esse termo, segundo o Urban Dictionary²⁹, é uma gíria de garotas do ensino fundamental que significa "melhores amigas para sempre". A palavra "brincar" também, evidentemente, tem esse mesmo reforço infantilizado.

Além dos títulos, temos a infantilização nas figuras encarnadas pelas atrizes nas fotos de miniatura dos vídeos (thumbnails). Dando seguimento a lista de vídeos mais assistidos, vem outro da série BFF, "*Meu irmão comeu minhas duas amigas na festa do pijama*" [sic], com 51 milhões de visualizações. Na foto de miniatura, duas garotas com aparência adolescente usam pijamas de mangas compridas em tons de rosa bebê, dispensam maquiagem exagerada e estão em um cenário de quarto infantil, reforçando a ideia de uma festa do pijama, novamente, evento culturalmente associado a reunião de garotas adolescentes.

O cenário adolescente continua em outras entradas da lista, "*fodi minha irmã enquanto ela fazia o dever de casa*" [sic] com 37 milhões de visualizações possui na foto de miniatura do vídeo dois jovens tendo relação, sendo que a garota se mostra passiva, olhando para a frente de um computador, com penteado de marias-chiquinha

²⁸ Fonte: <http://jonmillward.com/blog/studies/deep-inside-a-study-of-10000-porn-stars/> Acesso jun/2018.

²⁹ Fonte: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=BFF> Acesso dez/2018

e roupas em tons de rosa. A série "My BabySitters" aparece com o vídeo "*babá jovem e bonitinha transa com o pai*" [sic], com mais de 31 milhões de visualizações. Na foto de miniatura, uma adolescente loira, com maria-chiquinhas e saia rodada colorida. Outro exemplo da série BFF, com 44 milhões de visualizações é "*padrasto fode filha e suas amigas*" [sic]. Na foto, várias garotas loiras, com aparência jovem ficam de mãos dadas numa cama durante o ato. O corpo infantilizado (sem curvas e com seios pequenos) se revela por dentro do pijama de manga comprida rosa e azul bebê e com estampa de borboleta.

É claro que essas narrativas estão vendendo, em primeiro lugar, o abuso. O que nem deveria vir como um choque nessas produções. Wolf (1990) diz que "Em outras palavras, a nossa cultura está descrevendo o sexo como estupro para que os homens e as mulheres se interessem por ele." (p.182). Mas as relações de submissão nesses vídeos será analisada mais especificamente a seguir. Por enquanto, o foco é a representação estética da mulher.

Wolf(1990) e Friedan(1963) já falavam sobre a cultura infantil da mídia e a estratégia patriarcal de invisibilizar o envelhecimento natural feminino. Wolf frisa a grande quantidade de produtos "anti-idade" e "anti-envelhecimento" que existem no mercado de cosméticos. E que em muitas mulheres sofrem inclusive no mercado de trabalho por consequência do seu processo natural de envelhecimento, como as mulheres âncoras de jornais na televisão que costumam ser substituídas ao atingir certa idade, ao contrário dos homens que podem envelhecer à vontade.

Porém, a imagem infantilizada nesses casos serve principalmente para reforçar a passividade e relações de poder, o que é reforçado pela cultura como sexualmente desejável. Wolf completa, "As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina." Em sincronia aos títulos de vídeos e imagens de miniatura que vimos acima, ela continua "Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua sem malícia. Uma linda heroína é uma contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a "beleza" é genérica, monótona e inerte." (p.93) A figura da beleza ingênua e inerte é como a garota fazendo o dever de casa durante a relação ou as moças de mãos dadas na cama de lençóis rosas bebês. Elas não participam do sexo, o sexo acontece a elas.

São imagens reforçadas na mídia tradicional há muito tempo. Em 1963, Friedan já exemplificava "Um anúncio de creme de limpeza da Pond's apresentava o seguinte texto: "Gostamos de sentir que parecemos femininas mesmo que estejamos desempenhando uma tarefa talhada para um homem... por isso usamos flores e fitas no cabelo e tentamos manter o rosto o mais bonito possível." (p.99) A estética infantil e ingênua dos personagens de vídeos pornográficos da plataforma é uma espécie de justificativa para a posição de passividade que essas mulheres aparentam ter no ato sexual. E são características valorizadas na feminilidade criada pelo sistema patriarcal.

O ser apático, dependente, infantil, sem objetivos lembra estranhamente a personalidade feminina definida pela mística. Não são as principais características da feminilidade — que Freud erroneamente relacionou com a biologia sexual — a passividade, um senso pessoal deficiente, um fraco superego, ou consciência humana, a renúncia a objetivos diretos, ambições e interesses próprios, para viver através dos outros, a incapacidade para o pensamento abstrato, um afastamento da atividade dirigida para o mundo exterior, em favor de atividade interior, ou fantasia? (FRIEDAN, 1963, p.247)

A infantilização na pornografia pelas relações de poder

O padrão estético infantil das garotas nesses filmes passa a ser como uma justificativa para submissão e abuso nessas narrativas. As garotas com corpos, penteados, comportamentos e cenários infantis são apenas o adereço, um toque a mais do que no fundo esses vídeos se propõem e a exibir: estupro. Com 45 milhões de visualizações e na lista dos mais assistidos de todos os tempos na plataforma, existe o vídeo da série "SisLovesMe" (Irmã me ama), com o título "*Supreendi minha meio-irmã com uma piroca*" [sic].

Inúmeros vídeos na lista dos mais assistidos fazem menção a atos não consentidos - e com menores de idade. "*Enganei meia irmã e amiga adolescente para fazer sexo à três*" [sic] com quase 36 milhões de visualizações, "*Meio irmão se aproveita da irmãzinha*" [sic] e "*Meia irmã tola sempre cai na minha lábia*" [sic], ambos com quase 40 milhões de visualizações são alguns exemplos da extensa lista de vídeos que remetem a abuso e estupro na plataforma.

Dworkin (1981) fala sobre o sexo forçado como ferramenta de coerção social e perpetuação do Sistema Patriarcal. Para ela, "A glorificação do sexo forçado, do sexo com relação de escravidão e do estupro institucional é parte de nossa herança cultural

e alimenta o ego dos homens enquanto subverte egos de mulheres. E causa danos irreparáveis a sexualidade saudável durante o processo." (p.170)

A autora também fala sobre os padrões de gênero reforçados socialmente e que são mostrados nesses vídeos. É desejado sexualmente que a mulher se seja sempre passiva e fraca, da mesma forma que o sistema patriarcal prega em outros setores da vida dessas mulheres. É como se o abuso fosse apenas consequência dessa característica da mulher ideal:

Mesmo as mulheres que são fisicamente fortes devem fingir ser fracas para sublinhar não só a sua feminilidade, mas também as suas aspirações estéticas e ascensão social e econômica. **Incapacidade física é uma forma de beleza feminina** e um símbolo da riqueza masculina: ele é rico suficiente para mantê-la incapaz de trabalhar, inútil, ornamental. (DWORKIN, 1981, p.33)

O ato sexual se torna uma questão de poder. A crença é compartilhada até por autoras mais clássicas do feminismo, como Friedan (1963), que diz que dentro do sistema de poder masculino "Sexo torna-se a arena da luta pelo domínio. Ou então uma rotina sem profundidade, feita por tabela." (p.229). Esses vídeos são como uma espécie de encenação de um estupro e não uma filmagem do crime em si sendo cometido. Mas isso faz diferença?

Wolf (1990) afirma " De acordo com Susan G. Cole, "a pornografia e a cultura de massa estão colaborando para aniquilar a sexualidade através do estupro, dando maior ênfase aos padrões de domínio masculino e submissão feminina de forma tal que muitos jovens acreditam simplesmente que é assim que o sexo é." É claro que a pornografia não obriga o espectador a realizar os atos vistos na vida real. Mas assistí-los, de alguma forma, pode talvez normalizá-los. Ela segue "Isso significa que muitos dos estupradores do futuro acreditarão estar se comportando dentro de normas socialmente aceitas". (p.221)

A defesa principal muitas vezes é a de que o ato não representa de fato um estupro, já que esse não é o termo usado nas produções. Muitas vezes os atos não consentidos mostram as moças sofrendo, desconfortáveis, imóveis ou até se recusando em voz alta. Mas nem isso parece ser o suficiente para classificar o vídeo como uma exibição de abuso, por causa de uma ferramenta categórica do Sistema Patriarcal: o poder de nomeação.

Dworkin fala sobre o poder de nomeação como um grande e sublime poder camuflado que todos os homens possuem. Ele permite que os homens definam as experiências, que eles articulem limites e valores, e possam designar cada coisa a seu reino e qualidades, determinando o que pode ou não pode ser expressado. De forma geral, os homens podem controlar a percepção das coisas em si. É fácil perceber como isso funciona na prática quando vemos casos em que mulheres denunciam abusos e seu testemunho não é o suficiente para incriminar o homem.

Isso também é perceptível na indústria pornográfica. Os títulos de filmes mais populares do Pornhub são em sua maioria escritos em voz ativa, com o homem em primeira pessoa descrevendo o ato do ponto de vista dele. Alguns dos exemplos são: "*meia irmã mimada quer meu pau gigante e que eu ejacule no rosto dela*" [sic], com 28 milhões de visualizações, que mostra uma jovem de aparência adolescente com pijama em tons de rosa e estampa de corações. Ou "*adolescente precisa de uma piroca para se distrair*" [sic] com mais de 63 milhões de acessos, usando o título do ponto de vista masculino sobre a experiência feminina. E diversos outros exemplos, como "*meia-irmã adora foda violenta*" [sic] com 23 milhões de visualizações ou "*minha irmã é uma maluca disfarçada*" [sic], com 28.

Se o homem possui o poder de definir a narrativa, ele pode considerar sexo consentido o que foi abuso, pode considerar prazeroso o que foi violento. E se as narrativas sexuais disponíveis reforçam o poder da nomeação masculina, como isso pode ser nocivo na vida real, na descoberta da sexualidade e na vida sexual de quem consome esses conteúdos repetidamente?

Ela diz que não; ele alega que isso significa sim. Ele nomeia ela ignorante, em seguida, proíbe a sua educação. Ele não permite que ela use a mente ou o corpo de forma rigorosa, então a nomeia intuitiva e emocional.[...] Se ela o quer sexualmente, ele a nomeia vadia; se ela não o deseja, ele a estupra e afirma que ela o deseja sim; se ela prefere estudar ou pintar, ele a nomeia reprimida e se gaba que pode curar seu interesse patológico com o apócrifo "boa transa". Ele a nomeia dona-de-casa, apta apenas para a casa, mantém ela pobre e completamente dependente, apenas para a comprar com dinheiro caso ela deixe a casa, e depois ele a chama de vadia. Ele nomeia ela, da melhor forma que lhe convém. (DWORKIN, 1981, p.34)

As consequências da infantilização da pornografia na vida real

E como esses conteúdos narrativos podem influenciar a vida de homens e mulher no dia a dia? Eles realmente mudam nossa percepção acerca de sexo e das estruturas de poder? Hobsbawm(2013) fala sobre experiências estéticas de jovens ingleses em raves, cenário que podemos traçar um comparativo “A experiência [...] nas chamadas raves não consiste separadamente em música, dança, bebida drogas e sexo. [...] mas em tudo isso junto, já e não em qualquer outro momento. E são exatamente essas conexões que hoje constituem a experiência cultural típica da maioria das pessoas.” (p.37)

Por isso podemos afirmar que a experiência estética presente nos filmes, o conteúdo mostrado tem uma profunda influência nos atos da vida real de quem consome esse - ou qualquer outro tipo de conteúdo midiático. Ainda em Hobsbawm, “As obras não só se perderam no dilúvio de palavras, sons e imagens [...], como também desapareceram na dissolução da experiência estética na esfera em que é impossível distinguir sentimentos desenvolvidos dentro de nós de sentimentos trazidos de fora. Além disso, para Medeiros(2009), existe ainda uma exposição exacerbada dos corpos na mídia:

O Corpo veiculado pelos meios de comunicação de massa é um corpo erotizado, com uma significação sexual planejada e calculada. Ele, aí, é completamente esvaziado de desejo. Ele não é nem carne nem sexo, mas objeto transformado em signo por abstração e semiologização: signo com uma função social de troca. (Medeiros, 2009)

É possível associar a espécie de dessensibilização ao tipo de conteúdo violento com a simples multiplicidade de discursos e imagens na mídia, como Moeller(1999) descreve “a fadiga de compaixão se tornou uma praga traiçoeira na sociedade. Assim como o abuso dos antibióticos deixou as pessoas imunes a seus benefícios, o constante bombardeamento de desastres, com a cobertura formulada, sensacionalista e americanizada, deixou o público surdo ao importuno das notícias e das agências de alívio.” (p.40)

As narrativas pornográficas ajudaram a popularizar práticas como sexo anal heterossexual. Em um estudo³⁰ feito British Medical Journal em 2014, os entrevistados citaram a pornografia como espécie de explicação para sua preferência por sexo anal

³⁰ Disponível em: <http://bmjopen.bmj.com/content/bmjopen/4/8/e004996.full.pdf> Acesso: jun, 2018.

e pela normalização da coerção e penetração acidental. No mesmo estudo, os entrevistados também mostraram interesse pelo ato pela possibilidade de causar dor na mulher, em frases como “você pode até rasgá-las se tentar com força”.

Se a pornografia foi capaz de popularizar uma prática que durante décadas passadas era menos comum do que é hoje, será que ela pode exercer influência em outras situações? Malamuth, Addison e Koss (2000: 53) acreditam que há evidências para apontar que o consumo de pornografia está relacionada à violência sexual masculina contra mulheres. Principalmente no que diz respeito a pornografia violenta. “a pornografia reafirma estereótipos da “urgência biológica insaciável” do homem” (Donnerstein, Linz, & Penrod, 1987). A atividade sexual é sempre unilateral: a mulher é usada para satisfazer os desejos do homem, o clímax das cenas é a ejaculação masculina e a gratificação sexual feminina é ignorada (Dines, 2010).

É difícil não associar os padrões de comportamento no vídeo e os da vida real. A quantidade gigantesca de conteúdo sexual que mostra sempre mulheres como seres infantilizados, passivos, sem vontade própria não pode ser considerada a única justificativa, porém pode ser apontada como fato determinante em uma Sociedade Patriarcal onde uma mulher é estuprada em locais públicos a cada 11 horas só na cidade de São Paulo.³¹

Segundo o 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)³² 49.497 pessoas foram estupradas no Brasil em 2016, sendo que 89% delas são mulheres. Dentre esses casos, estupro de vulneráveis (cometidos contra meninas com idade entre 0 e 14 anos) correspondem a 70% das vítimas, sendo que a maior parte dos crimes são cometidos por pessoas que deveria zelar pelo bem estar da criança e adolescente: parentes e conhecidos da família. Novamente, não se deve assumir que o conteúdo pornográfico é o culpado pelo cenário problemático de violência sexual no Brasil. Mas apenas assumir que ele está (infelizmente) em consonância com essa realidade problemática.

Em relação a estética infantil das atrizes, num estudo de filmes pornográficos, afirma-se que “a figura feminina aparece muitas vezes infantilizada, trajando uniformes escolares, meias, laços e presilhas, voz pueril e ausência de pêlo pubiano,

³¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/uma-mulher-e-estuprada-em-local-publico-a-cada-11-horas-em-sp-diz-levantamento.ghtml> Acesso: jun/2018.

³² Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/estupro-no-brasil-99-dos-crimes-ficam-impunes-no-pais> Acesso: dez/2018.

reafirmando a figura de autoridade e poder do homem sobre "adolescentes", ingênuas e frágeis. (Cowan et al., 1988). Algumas dessas características já se tornaram quase que normas culturais em países ocidentais. Nos Estados Unidos, por exemplo, 87,7% das americanas afirmaram fazer depilação total pubiana.³³

Kate Millet, em “Uma política sexual”, ainda nos anos 70 já identificava que certos padrões de comportamento de cunho violento vindo de homens poderia ser uma consequência da cultura. Para a autora, o resultado é que o macho tende a ter uma agressividade reforçada no seu comportamento. E que a este respeito, “a cultura permite a crença de que a posse dos sinais externos do macho, os testículos, o pênis e o escroto, caracteriza em si mesma o impulso agressivo e celebra mesmo vulgarmente tal fato com elogios do gênero. O mesmo processo de reforço é evidente ao criar a capital virtude feminina da passividade.”

Desde o nascimento, ou como vimos no início da discussão, antes mesmo de nascer em práticas como o Chá de Revelação, as diferenças entre gêneros ficam explícitas por meio de padrões e socializações. Espera-se que homens e mulheres se comportem de maneira diferente em todas as áreas de sua vida. E o mesmo pode ser visto no comportamento sexual. E produções da indústria pornográfica não apenas reforçam esses padrões como podem estar intensificando eles a cada minuto.

Conclusão

Neste trabalho, foi possível analisar o cenário da indústria pornográfica na era da internet e a caracterização infantilizada com que as mulheres são tratadas nessas obras. Defende-se aqui que este cenário existe graças ao fato de vivermos em uma sociedade patriarcal, que trata de forma diferente homens e mulheres desde o seu nascimento e opõe padrões de comportamento em todas as áreas da vida de acordo com o gênero.

Dentro desse cenário, a infantilização se mostra como parte da estrutura de opressão do patriarcado, já que a infantilização exalta características como passividade, subordinação e submissão feminina para a figura masculina. É como se indiretamente, o desejo pela persona feminina infantil fosse também uma maneira de

³³ Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/jsm.12763> Acesso: jun, 2018.

reforçar o poder masculino sobre as mulheres e ter o poder e controle, não só sexual como social.

É claro que falar sobre o fim da distribuição de conteúdo pornográfico é no mínimo complicado. Sites como o Pornhub representam uma grande parcela de tráfego na internet e muitas pessoas já apontam o vício em pornografia como um dos que mais cresce na sociedade. Porém, movimentos como o da chamada "Pornografia feminista", que pretende explorar a sexualidade do ponto de vista da mulher, produzido e dirigido por mulheres, podem simbolizar uma luz para uma ressignificação desse tipo de conteúdo.

"Pornô para mulheres" se tornou um tópico popular nos portais aqui mencionados nos últimos anos³⁴ e traduzem uma demanda por conteúdo que compreende melhor a relação das mulheres com sua sexualidade, por meio de material produzido por elas e encenado por "pessoas reais", e, diferente dos vídeos citados no trabalho, não tem a infantilização como característica de seus personagens.

Pelo fato de ser uma categoria nova, não se pode afirmar que a simples existência de material pornográfico que visa o público feminino e feito por mulheres seria o suficiente para mudar toda a estrutura do mercado e a cultura pornográfica que faz parte das últimas gerações, porém, já comprova uma demanda por mudanças dentro desse cenário, o que pode ser animador. Porém, é preciso, primeiramente, que o assunto possa ser discutido sem o viés de tabu para que seja possível refletir sobre a estrutura de poder do sistema patriarcal e como ela contribui para a manutenção da opressão feminina na sociedade e pela grande demanda de vídeos com infantilização de mulheres em portais como Pornhub.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

³⁴Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2011/mar/22/porn-women> Acesso: jan, 2019.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BROWNMILLER, Susan. **Against Our Will: Men, Women and Rape**. Nova York, Simon & Schuster, 1975.

COOPERSMITH, Jonathan. (2000). **Pornography, Videotape, and the Internet**. Technology and Society Magazine, IEEE. 19. 27 - 34. 10.1109/44.828561.

D'ABREU, Lylla. **Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres**. Psicol. Soc. vol.25 no.3 Belo Horizonte, 2013.

DWORKIN, Andrea. **Pornography: Men Possessing Women**. Londres, The Women's Press, 1984.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1975.

GRIFFIN, Susan. **Pornography and Silence**. Nova York, Harper & Row, 1984.y

HOBSBAWM, Eric. **Tempos Fraturados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, Ariel. **Female Chauvinist Pigs**. New York: Simon & Schuster Uk, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MEDEIROS, Maria Beatriz. **Presença e Telepresença na Linguagem artística performance**. in **A interatividade, o controle da cena e o público como agente compositor**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

MOELLER, Susan. **Compassion Fatigue: How the Media Sell Disease, Famine, War and Death**. London, Taylor & Francis, 1999.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.

AFTER PORN ENDS. Direção: Bryce Wagoner. 2012.

HOT GIRLS WANTED. Direção: Jill Bauer, Ronna Gradus. 2015.

HOT GIRLS WANTED: TURNED ON. Jill Bauer, Ronna Gradus. 2017.

PORNOCRACY: The New Sex Multinationals. Direção: Ovidie. 2017.